

“Onde estiver o vosso tesouro, aí estará o vosso coração”

**Décimo nono domingo do Tempo Comum**

**11.8.2019**

Irmãs e irmãos amados, que a paz do Senhor esteja com todas e todos vocês!

No décimo nono domingo do Tempo Comum deste ano litúrgico, na sequência do Evangelho de Lucas, dá-se a continuidade da catequese de Jesus no decorrer de sua caminhada para Jerusalém, período em que Ele ensina seus seguidores, tanto os que o acompanhavam à época, como os de todos os tempos, como viver neste mundo, mantendo-se no processo de crescimento espiritual contínuo. Na semana passada fomos advertidos sobre a efemeridade dos bens materiais e, neste domingo, na sequência do mesmo pensamento, destacadamente quanto à ilusão que toma conta de nós quando nos envolvemos com as coisas deste mundo, Cristo Jesus lembra-nos sobre a importância da permanente vigilância, vivendo de forma paciente, mas ativa, buscando apropriar-se do verdadeiro e perene tesouro, com vistas a dar continuidade à construção do Reino. Ele nos alerta para que nos mantenhamos envolvidos com o que é verdadeiramente seu, preparando-nos para a perene comunhão com Deus.

Convidamos vocês, então, para a leitura da passagem bíblica de hoje e para a reflexão conjunta sobre sua contextualização em nosso cotidiano.

32Não temais, pequeno rebanho, porque foi do agrado de vosso Pai dar-vos o Reino. 33Vendei o que possuís e dai esmolas; fazei para vós bolsas que não se gastam, um tesouro inesgotável nos céus, aonde não chega o ladrão e a traça não o destrói. 34Pois onde estiver o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração”. 35“Estejam cingidos os vossos rins e acesas as vossas lâmpadas. 36Sede semelhantes a homens que esperam o seu senhor, ao voltar de uma festa, para que, quando vier e bater à porta, logo lha abram. 37Bem-aventurados os servos a quem o senhor achar vigiando, quando vier! Em verdade vos digo: ele há de cingir-se, dar-lhes à mesa e os servirá. 38Se vier na segunda ou se vier na terceira vigília e os achar vigilantes, felizes daqueles servos! 39Sabei, porém, isto: se o senhor soubesse a que hora viria o ladrão, vigiaria sem dúvida e não deixaria forçar a sua casa. 40Estai, pois, preparados, porque, à hora em que não pensais, virá o Filho do Homem.” 41Disse-lhe Pedro: “Senhor, propões esta parábola só a nós ou também a todos?”. 42O Senhor replicou: “Qual é o administrador sábio e fiel que o senhor estabelecerá sobre os seus operários para lhes dar a seu tempo a sua medida de trigo? 43Feliz daquele servo que o senhor achar procedendo assim, quando vier! 44Em verdade vos digo: lhe confiará todos os seus bens. 45Mas, se o tal administrador imaginar consigo: Meu senhor tardará a vir, e começar a espancar os servos e as servas, a comer, a beber e a embriagar-se, 46o senhor daquele servo virá no dia em que não o esperar e na hora em que ele não pensar, e o despedirá e o mandará ao destino dos infiéis. 47O servo que, apesar de conhecer a vontade de seu senhor, nada preparou e lhe desobedeceu será açoitado com numerosos golpes. 48Mas aquele que, ignorando a vontade de seu senhor, fizer coisas repreensíveis, será açoitado com poucos golpes. Porque, a quem muito se deu, muito se exigirá. Quanto mais se confiar a alguém, dele mais se há de exigir”. (Lc 12,32-48)

Jesus, dando continuidade ao seu catecismo proferido enquanto se dirigia a Jerusalém, possibilita a todos nós ouvir sua Verdade, tanto os seguidores presentes à época, como os que viriam no futuro, destacando a importância de sua aplicação no dia-a-dia, com vistas à contínua construção do Reino de Deus. No Evangelho de hoje, somos presenteados com mais uma parte de tão importante conjunto de ensinamentos. Jesus vincula o trecho de sua fala que abordamos na semana passada, onde frisa que “*a vida de um homem, ainda que ele esteja na abundância, não depende de suas riquezas*” (cf. Lc 12,15), com o chamado de hoje ao cuidado para o perigo do nosso apego aos bens materiais, com a imprescindível atenção permanente aos nossos atos, a contínua dedicação à nossa preparação com vistas ao nosso encontro com o Altíssimo. Somos, então, advertidos inicialmente a nos manter em busca do verdadeiro tesouro, do nosso encontro com a divindade, ou seja, do “*tesouro inesgotável nos céus*” (v. 33), aquele que jamais acaba e por ninguém nos será retirado. Assim, emblematicamente, adverte-nos: “*onde estiver o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração*” (v. 34). Cabe a lembrança do traço característico de Lucas ao estímulo das pessoas se desfazerem dos seus bens terrenos, distribuindo-os àqueles que nada têm, não como sugestão à miserabilidade, mas com caminho ao desapego, associado à partilha compassiva do cristão, como forma de comunhão entre os seres.

Dando continuidade à fala de Jesus, tudo indica que Lucas agrupa três parábolas que, possivelmente, foram mencionadas em distintos momentos e contextos; mas todas elas estão vinculadas ao tema do trecho de hoje, que é a vigilância.

Na primeira parábola, Jesus chama a atenção ao servo atento e vigilante à chegada de seu senhor, a qualquer momento, para recepcioná-lo. Mais uma vez, Ele destaca a imprevisibilidade do tempo, a finitude de nossa condição humana associando ao desconhecimento do tempo que ainda nos resta nesta encarnação. O momento derradeiro desta vida poderá se apresentar inesperadamente, mas devemos estar prontos para ele, poderemos até ser surpreendidos, mas não devemos nos encontrar despreparados. Exorta-nos, Jesus, à nossa vigilância permanente, à nossa atenção continuada para a correção de nosso caminhar, ao processo contínuo de nosso crescimento espiritual, em direção à verdadeira libertação da escravidão deste mundo.

Já na segunda parábola, mantendo o foco na constante vigilância, Cristo Jesus traz-nos a postura atenta do dono da casa, evitando possíveis invasões, impedindo a entrada forçada “daqueles” que almejam roubar-lhe, levando o que lhe é valioso. Atentemo-nos, assim, segundo Jesus, para possíveis, frequentes e inesperados assédios, a tudo que reluz neste mundo e que nos encanta, levando-nos à ilusória satisfação terrena e, ao mesmo tempo, desviando-nos de nosso caminhar em direção à verdadeira razão de nossa existência – nossa evolução espiritual. Enganados, envolvidos por prazeres físicos e mentais, somos levados a baixar a guarda, desatentando-nos da vigilância devida. Isso não quer dizer que tenhamos de viver em uma masmorra, impedindo que qualquer situação prazerosa deste mundo chegue até nós. Além de ser quase que impossível, seria anti-humano, irreal, inaceitável. O que devemos é mantermo-nos sempre atentos ao risco da ilusão do apego, às coisas, às pessoas e às situações, condição primária da natureza humana, pois tudo finda e nada deve assumir o verdadeiro centro de nossa vida. Tudo é provisório, tudo é impermanente. Lembremo-nos sempre que o crescimento se dá como resultado de um conflito cotidiano entre a força da ilusão que nos dispersa de nosso crescimento espiritual e a permissão que damos à nossa essência divina de nos fortalecer e iluminar o nosso caminhar. A vitória se dá como conclusão desta luta e não do engano de sua inexistência.

Entretanto, a quem estão dirigidos os ensinamentos de Jesus sobre tais aspectos? Quais seriam seus destinatários?

Eis a razão da terceira parábola, em decorrência do questionamento de Pedro sobre a quem seria destinada a exortação de Jesus para a atenção permanente à vigilância.

Ocorre que a exortação em tela pode estar direcionada aos responsáveis do Povo de Israel, comumente questionados por Jesus pela sua hipocrisia e pouca atenção ao crescimento espiritual de seu povo; às lideranças das comunidades cristãs, as quais, possivelmente, estariam contidas na interpretação de Lucas; e também a todos nós, como senhores de nossa casa pessoal, donos de nossos bens, materiais e espirituais, responsáveis pelos nossos irmãos, próximos e distantes, conhecidos e desconhecidos, e atentos “à chegada” do nosso Senhorio, o Divino que está sempre disponível a nos conduzir e nos fortalecer em nossa caminhada diária, caminhada esta que terá, fatalmente, sua linha de chegada, ainda desconhecida para cada um de nós, quando serão avaliadas as condições e realizações ao longo dessa estrada.

Quando dizemos que Deus é justo, assim o fazemos por ser esta condição vista aos olhos humanos como correta, no que tange ao relacionamento com as pessoas. Porém, no infinito amor divino, sua presença é universal, de forma indistinta e nada excludente, não escolhendo, tampouco eliminando, quem quer que seja, de sua guarda e de suas bênçãos. O que existe é a consequência de nossas opções e ações, a capacidade de doação ao outro, à vigilância de nossas condutas no dia-a-dia, livrando-nos da ganância, da avareza, da cobiça, da ira, da vaidade e de tudo aquilo que nos aprisiona à nossa essência humana que está enraizada neste mundo. O Santo Espírito que em nós habita disponibiliza-se para o nosso permanente fortalecimento, dependendo, apenas, de nossa aceitação e permissão. Assim, fiquemos sempre vigilantes às nossas ações, ao cuidado que devemos ter para com as nossas escolhas diárias, pois, a qualquer hora, chegará a “conta”. Que tenhamos condições de “pagá-la” adequadamente.

Um fraterno abraço e fiquem com o amor de Deus,

Rev. Frei João Milton.